



O Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X ~ N.º 240 ~ PREÇO 1\$00



Aqui, LISBOA!

Uma voz anónima fez-se hoje ouvir através dos fios telefónicos. Era de alguém que desejava saber onde poderia depositar dezoito contos para a anunciada casinha, no mercado da Curraleira. Que tinha procurado no Banco a conta do Património dos Pobres mas que não existia ali tal rubrica.

Era verdade. Mas Lisboa vai ter como o Porto a possibilidade de depositar facilmente no Banco Espírito Santo, tudo quanto desejar a favor dessa nova revolução que se vai atear no coração do Império.

O Regulamento do Património primariamente estudado para as paróquias rurais, tem-se mostrado à altura das cidades. Também serve para a Capital, e maravilhosamente.

E quem pode negar a sua flagrante oportunidade?

Não podemos esperar que acabe essa contínua procissão do pé descalço que marcha sobre Lisboa. Como nos entri-tece esta cena tantas vezes presenciada: à frente dois ou mais rapazitos arrastam um carro feito a podão que serve de berço, brinquedo e taxi; a seguir vem a mãe com outro filho nos braços; atrás o pai a tocar o burro carregado de farrapos e dum ou mais filhos. Parece que estamos na China de há cem anos. Mas não: é uma marcha sobre Lisboa.

Resultado?! Mais umas tábuas na

Curraleira, mais mendigos nas ruas, mais uns processos na Tutoria, novos internados na Mitra e, aqui à porta, alguém a pedir um vadio que tem o pai na cadeia.

Isto infelizmente não é imaginação. Provas! Ai temos, o Cigano, os Viseus, o Corre-mundo, o Setúbal, o Santarém, etc., etc. São 120!

Não; não podemos esperar que se fechem as portas da cidade à invasão contra a qual aqui estamos a bradar há cinco anos.

Até agora tudo quanto se tem feito resume-se em deitar abaixo estes provisórios ninhos de pau e lata, sem nada que os substitua. E' certo que se fizeram várias tentativas, bem intencionadas aliás, que resultaram em trágico desastre. Bairros! Bairros para miseráveis, — clamou-se em tempos.

Não é solução. Nem tampouco um mal menor. Os bairros para pobres são, por muito estranho que isto pareça, uma nova calamidade.

Mas voltemos à oportunidade do Património. Se não conhecessemos bem a cintura de bairros sórdidos de Lisboa, bastava ouvir os nossos Rapazes do Lar que acabaram agora de fundar mais uma Conferência.

Um deles veio pedir-me que fosse ver e auxiliar o Pai que está a fundar na enxerga dum quarto escuro onde, sem poder ganhar, tem de pagar 35 escudos por semana; outro foi assaltado pelo próprio pai, em plena rua, quando acabava de receber a fêria. Era a renda da casa, os outros filhos. Depois as famílias numerosas de oito e dez filhos que eles visitam... Um sudário!

Temos que pôr cerco, um cerco de caridade cristã, à capital.

Quem nos obriga?

Primeiro a Justiça Social tantas vezes reivindicada no «BARREDO».

Depois o ímpeto altruista destes Funcionários da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos (os dos dezoito contos e setecentos) e dos Empregados da Sacor, da Mundial, da Vaeuum e de tantos outros que, sem gozarem de esperança de possuírem um dia uma sua, fazem do próprio pão amassado com o suor do seu rosto, a pedra angular de muitas casas para os irmãos pobres de Lisboa. Isto é sublime!

O cerco vai-se apertando. Por enquanto temos apenas certo o apoio da Igreja Trés Párcos (Moscavide, Santo Condestável e Estrela) trabalham já por conseguir terreno. Nós andamos pelas igrejas a espreitar. Apresentamos obra feita para que todos acreditem.

A Assembleia Nacional já falou. Vamos ouvir a Câmara e porque não o Governo? Não está em jogo o bem da Nação? Alea j. cta est.

P.º ADRIANO

NÓS NO COLISEU

Mas antes em Braga, segundo oiço aqui do Tomar. Ele foi lá vender e veio cheio de notícias. Que é no dia 13 de Junho. Que está tudo à espera. Que a casa vai ser pequena. Que as senhoras da Comissão já começaram. Que vamos comer a um colégio. E não deixou de falar assim por mais de um quarto de hora, em palavras cada vez mais quentes e cada vez mais crescidas. Eu cá disse-lhe que não tinha conhecimento de nada e que nem sabia se devia dar ordens à Sejaquim para ensaiar; ao que ele, Tomar, responde que deixe tudo por sua conta e remata: quem trata da festa sou eu. Braga, a Augusta dos Romanos. A terra das festas e dos congressos e das procissões e do Sameiro e de tudo; Braga vai agora ter uma coisa que nunca ali houve: meia cidade levada ao Circo pelas mãos do Joaquim Bonifácio!

Quanto ao Porto, as coisas passam-se de outra forma. Temos na mão Comunicado Oficial da Empresa. Júlio, que vai ser o locutor, assim como o ano passado, anda a ver das coisas oficiais. Os oradores do Tojal e de Coimbra e de Miranda, estão preparando as suas teses. As vozes do orfeão mal-la batuta do Sejaquim, enchem a aldeia. O grupo do mestre André afina os instrumentos. No próximo número havemos de dar o programa.

Do verdadeiro sentido de bem fazer

A notícia destas mulheres do povo que perdem seus maridos, cheias de filhos, vão direitinhas ao coração quando elas, as viúvas, ficam sem abrigo, sem defesa, sem pão. Assim aconteceu com uma de quem ultimamente aqui se falou, hoje remediada, devido à força da sua desventura. Algumas cartas se publicaram, que respondiam ao nosso apelo, mas não foram todas nem as principais; um número do jornal não chegaria! Não aumentamos, por isso, a sua tença; fomos, antes, buscar outros casos semelhantes e damos em mão. Gosto de dizer que aquela viúva que só dava pão ao filho mais novo quando ele barrégava, hoje está em condições de o dar, logo que ele peça. De outra que costumava evitar o encontro dos filhos, sabemos que hoje os chama, porque acende lume, aquece o forno e tem pão quente. E mais. E mais. E mais.

Então quê? São assim tantas e tamanhas as somas dos que acudiram? Não. Não senhor. É o milagre da pobreza. É o auxílio em casa, no seio da família. A lenha é dos montes. A água corre ali perto. A mãe é a dona de casa, a mulher das dores, por isso tudo chega a rende.

Nós temos de ir por este caminho. Não pretendamos ajudar as viúvas tirando-lhes de casa os filhos da sua alma como dizia

piadosamente uma das cartas, mas ajudemo-las, sim, a tomar conta e criar em sua casa os seus filhos. Quando vier o tempo de cada paróquia olhar pelos seus pobres, há-de parecer mal e ser levado à conta de um desfalque, que daquele povo saia para fora uma Criança. E é na verdade um desfalque social. O filho que chega do asilo, perdeu tudo. A força de ser ali um número, deixou de ser uma pessoa.

Por todos os títulos e com todas as nossas forças, regressemos à composição da família. Não falta quem ensine e faça o contrário. São as escolas com suas doutrinas. É o medo. Razões económicas. Egoísmo. A própria maneira de fazer assistência. Todos. Tudo. É a demissão! Os homens tentam demitir-se do que no mundo há de mais santo e de mais forte!

Ontem apareceu aqui no cruzado da aldeia uma criança de uns 5 anos. Eram 4 da tarde. Ninguém deu fé. Perguntei-lhe. Que era de Celorico, de Bastos e que umas mulheres o tinham deixado ali. Chamo o chefe. Mando-o a Cete com o pequenito; ia passar o combóio das 4 e 5 para o Porto. Não me enganei. Lá estava o pai! É a demissão. Este pai por uma razão, outros por outras e todos a fugir ao caminho que nos leva ao Céu. Dá pena!

UM AVISO

Temos aqui uma carta, pelo carimbo, de Bombarral, a pagar 100\$ de O Barredo e outro tanto de O Galato e assina Interessada. A carta é muito linda e muito generosa, sim, mas a quem havemos de dar baixa? Como desarriscar?! É isso mesmo o que Avelino acabava de me perguntar, carta na mão, enquanto procura no cesto o envelope, que também não diz quem é. Sabemos que foi por esquecimento. Sabemos que a vontade de todos é facilitar os nossos serviços de expedição. Por isso não se esqueçam. Basta o número da ficha. Melhor, se quizerem, o envio do endereço.

São muitas as cartas que aparecem assim. São muitos os postais. Teremos nós na terra habitantes da lua?!

PROPAGAI

«O Gaiato»

UMA CARTA

«A história é muito comprida, mas vou procurar sintetizá-la o mais possível. Uma pobre família composta por 12 pessoas: pai, mãe e dez filhos, sendo 6 raparigas e 4 rapazes. O pai, modesto operário, tintureiro numa fábrica de fição, ganha apenas nos dias que tem trabalho 24\$00. Muitas semanas trabalha só 3 dias.

Há dias, uma das filhas, de 4 anos de idade, apareceu com uma febre intensa. Os pais correram com ela ao hospital da Misericórdia. Lá ficou durante poucos dias, passados quais, os do Hospital, mandaram chamar os pais para lhe devolverem a criança com estas palavras — *leve-a para casa, porque ela está tuberculosa, e nós aqui não tratamos essas doenças.*

E pronto, foi assunto arrumado. O filho mais velho, com 22 anos, corticeiro de seu ofício, há semanas que não trabalha, por «um esfalfamento» não lho permitir; V. está a ver de que espécie são estes «esfalfamentos».

Uma outra filha, com 13 anos de idade, arranjou, sem saber explicar como, uma infecção num dos olhos, de que resultou, como único remédio, a extracção recen-

te da mesma vista. O pai e a mãe enlouquecem de dor por não poderem comprar os indispensáveis medicamentos para os 3 filhos doentes, nem pão para os outros 7 candidatos à tuberculose.

Venho, apenas, suplicar-lhe, a grande esmola de envolver os míseros habitantes daquele lar, nas suas orações.»

A esta, poderíamos responder com este trecho de uma outra que na mesma hora recebemos:

«... Mas o meu chorar nada resolve, e como o meu, o de todos que o lerem; e isto porque se arreigou nos nossos espíritos que toda a miséria que descreve é fruto do fatalismo, do destino, que já vem predestinado de cima, e que o que temos a fazer é cruzarmos os braços e conformarmos-nos. Ora isto não é verdadeiro, pois não passa de um comodismo de todos quantos a sorte bafeja — comodismo aliás hereditário, pois que os nossos pais já assim pensavam, e nossos avós, e por aí adiante».

Podíamos, sim, mas isto não é resposta que no dia d'hoje se dê. Temos de deixar os tempos dos nossos pais e dos nossos avós e começar agora, como se uma nova geração acabasse de nascer. Não a deixemos abrir os olhos e habituar-se aos antigos panoramas.

Está aqui uma família composta de 12 membros. A carta não mente. Não exagera. Sei que não, porquanto, em muitos outros sítios sabemos de casos semelhantes. Estão. Existem. Sentem. Podem não clamar; aceitando o nós aqui não temos lugar; sofrendo a infecção dos olhos; gemendo os esfalfamentos; perdendo a vista! Podem não clamar, sim, enlouquecendo de dor por falta de medicamentos e de pão. Eles são doze. Podem sim; mas clama a Justiça!

Tudo quanto tem nome e fama no grande mundo, torna-se diminuído perante estas grandezas escondidas! Uma família de doze!

Como será a vida debaixo daquelas telhas ou possivelmente, tábuas ou, ainda, latas, sem nada para viver nem para adoecer, nem para morrer; nós que precisamos de tantas coisas para qualquer uma destas, como será?!

Que lugar ocupa no mundo quem não sente e não chora estas notícias?! Se elas são dadas aqui justamente para que uma coisa e outra se faça e todos acudam e se valorizem e se salvem.

Que as coisas vão melhorando, sim. Temos aqui testemunhas. Recebemos a média de cem cartas por dia, coisa verdadeiramente espantosa, e cada uma delas é uma voz: mas eis que hoje alguém nos rasga o véu da insensibilidade e faz erguer na nossa frente a consciência, a falar das contas que temos de dar a Deus e acusar-nos.

Crónica Desportiva

No dia 19 do mês passado, realizaram-se dois encontros de futebol entre as duas equipas do Gaiato, primeiras e segundas contra igual número do Unidos do Benfica F. Club.

Primeiro jogaram as reservas que acabaram por vencer o adversário por 5 a 0.

Este jogo foi disputado muito correctamente, embora com alguns deslizos para a arbitragem, que em certas ocasiões teve de suportar os insultos da assistência, que muitas vezes prejudicam até os clubes de primeira categoria do Nacional.

O nosso team formou: Valdemar, Orlando, Constantino e Nicolau; Fernando e Costa; Abel, Foscoa, Valeta, Xico e Carlos. Golos marcados pelos seguintes: Xico, Constantino, Orlando, Foscoa e Valeta.

Logo a seguir entrou o primeiro team constituído por: Rogério, Júlio, Manuel e Teixeira; Prata e Sérgio; Rui, Jacinto, Vieira, Cerqueira e Malia.

Este jogo durou apenas 15 minutos, devido ao mau comportamento da assistência. Os primeiros a abandonar o rectângulo foram os adversários, que nesta altura estavam a vencer por uma bola a zero.

Júlio Gomes

VENDA DO JORNAL

Um deles entregou 1.000\$00 que lhe deram na rua das Flores. O *Areosa* não cabe na pele, de contente, com um corte azul para um fato que lhe deram os empregados do Banco Nacional Ultramarino. O Hélio apanhou um mundo de coisas no dia de anos. O *Manel Risonho*, ao contrário do que esperava, teve poucas prendas. O sr. *Presidente*, que se tinha na conta de muito esperto e era muito falador, veio-se embora do emprego e já não vende. Anda aqui no campo descalço e rapadinho, trabalhando de sol a sol, sob as ordens do Sérgio. Foi por mim convidado a deixar o seu emprego e a regressar à base. Não quis. Andou pelo Porto três dias, depois quis e apareceu. Grande cabeleira. Lindos sapatos. Fato da cidade. Camisa de primeira classe. Gravata reluzente. Tudo na marca. Hoje, enche estrume das nitreiras para o campo, contudo isso não suja. Se não tivesse vindo pelo seu pé, então sim; sujava-se. Se ele um dia voltar ao Porto, e como ele tinha por lá grande clientela, os senhores indaguem, perguntem-lhe. Talvez agora o rapaz fale menos e diga mais. E até aqui, *Presidente* falava muito, mas não dizia nada.

A venda do quinzenal anda nos cinco mil. O chefe do lar puxa quanto pode pelos vendedores, sim, mas eles só dão mais quando têm a promessa de irem ao futebol. A camisola do Abel vai no

Hélio. *Tomar* e *Tino* são estrelas. *Malhado* vai muito bem. Os restantes fazem alguma coisinha sendo a melhor e mais segura de todas, a sua presença na leitaria do costume à hora da merenda, cada um com sua caneca de leite, tal como há dias ali os fui encontrar. E' assim que eles contam. Assim são as maiorias. Cuidado e aflições é trabalho de poucos.

Uma coisinha muito acertada, é que agora cada um tem sua zona, tendo-se acabado por isso a caça e roubos de fregueses. Antes desta medida os vendedores eram ruins de aturar.

O *Papagaio* quer que eu ponha no jornal a fazer queixa de alguns homens dos eléctricos que o não deixam entrar; e eu cá estou a cumprir.

Areosa não cabe na pele, por ter o exclusivo da venda no Ultramarino. Mais ninguém lá põe o pé. *Malhado* experimentou, mas o porteiro impediu, sem um bilhete do *Areosa*! Isto dá-lhe importância e fá-lo inchar. Tenho medo de me ver obrigado a uma substituição, se ele não aprender a ser modesto. Ele revelou que uma senhora do 4.º andar lhe deu uma gravata e vai dar um mundo de camisas e lenços e peugas; *camisas à sport*, informa ele. Mais importância. *Areosa* está em perigo...

Também traz recado dos funcionários para eu fazer aqui barulho, a ver se cada um compra seu livro. *Eu já lá vendi trinta*, disse. Ao que eu respondi: *então há no Banco mais de 30 empregados?* *Areosa* arregala os olhos, abre os braços e exclama: *quantos trinta! Olhe que são 4 andares.*

Agora, por Banco Ultramarino, era de uma vez uma embrulhada ultramarina, numa Comarca inglesa, recorrendo a tribunal o Banco e a outra parte. Entre os empregados, ao tempo e naquela terra, só havia um que sabia inglês e este de cor. Chegado ao tribunal, não o deixaram interpretar! Requisitaram-me. Quatro dias de viagem. Hotel e despesas. Já lá vai o então gerente. Já lá vai o então inspector. Já lá vão todos e tudo. Fiquei eu para contar a história e pedir à Ultramarino que coloque os seus funcionários em condições de comprar livros à *Areosa*, sem discutir preços. E assim me dão o que na maré não deram.

Tomar não tem mais nada que dizer da casa de um senhor, aonde comeu, em Braga. Diz ele que é um senhor muito importante e que era tudo comida à espanhola e que no fim foi uma coisa que parecia uma ferradura e ele e o *Preta* comeram tudo. Mas ainda há mais. O *Tomar* disse mais. O dito senhor importante, costuma fazer todos os anos uma temporada em Molêdo do Minho e quer levar a ele, *Tomar*, na companhia da família e tratá-lo como se de a fora. Enquanto o rapaz me fazia esta narrativa, alegre e descuidado, eu era triste. Havia de ser a mãe. Ele tem mãe. Se não fossem as contas que o mundo faz, o Joaquim Bonifácio, na idade e com a inteligência que tem, daria todos os dias um beijo na sua mãe antes de ir para o emprego; e outro à chegada. Mas as contas andam erradas. O mundo é falso. Os valores andam trocados. Eis aqui a minha dor.

OUTRO...



O António Leitão

...Que vai para a África. É para o Lobito. Este que hoje é homem e pai, quando era pequeno, em Coimbra, veio um dia ter comigo a pedir se eu o deixava ir para a Colónia de Campo em Vila Nova do Ceira; e deu a razão: eu quero comungar. Lembrou-me como se fora hoje porquanto, nem antes nem depois, houve rapaz que assim me falasse. Eu quero comungar. Tanto mais para admirar quanto é certo que na família o ambiente era contrário! O António Leitão comungou. Foi por muitos anos condutor de rapazes nas Colónias, quando eramos só nós a fazê-las. Hoje não há cão nem gato que as não faça. É o ardor. E tantos benefícios têm descoberto neste movimento social, que a gente pasma que tão tarde houvessem começado! Seja como for, o Tonió (assim se chamava o António) foi rei nas Colónias de Férias e temos a certeza de que assim há-de continuar. Vai ser no Lobito um fiel representante da nossa Obra. É um trabalhador especializado em aparelhagem eléctrica em carros ligeiros e pesados; e é isto mesmo que vai exercer. Mais um colono. Mais um português que vai ter o seu lar abundante. Eu quero comungar.

UMA ENTREGA

Na altura em que esta estou ditando, e precisamente na hora de um dia em que Portugal está cheio, também nós nos associamos às festas, entregando três casas do Património, na próxima freguesia de Parada. Foi o pároco quem escolheu o 27 de Abril. Era um terreno baldio perto da Igreja, com penedos salientes, onde as galinhas catavam. Alguém falou. Dos penedos fizeram-se pedras, com estas ergueram-se casas. Da terra sobram saíram quintais. Desde esta data, residem ali três famílias indigentes. Pelo feliz aproveitamento e santa finalidade daquele terreno bravo, bem podemos tomar assento em dia tão jubiloso.

E já agora, porque a maré é cheia, vamos buscar um recente episódio, que muito ilustra e até sobrepuja tudo quanto nesta data se diz. Nós vinhamos de África. Fizemos pausa num aeroporto. À porta de um hotel de categoria, era um negociante africano com sua magnífica coleção de curiosidades genúlicas. Vestia uma cabaia com fimbria rica e tinha por ajudantes dois pretos mais modestos. Todos eram muçulmanos. Eu quedo, olho, escolho, pergunto o preço. O negociante rico, pede-me escudos. O meu primeiro espanto, foi que ele o tivesse feito. Devia ter sido libras; eramos num Protectorado Inglês. Se não estas, francos belgas ou franceses pois que estas duas nações têm ali terrenos confinantes. Não sendo uma coisa nem outra, o mercador rico, deveria ter ido aos dólares. Hoje o dólar é pão com manteiga. Pois não. Nada disto aconteceu. Gize-me escudos.

Júlio estava ao pé. Ouve o preço. Financieiro e finório, Júlio mete as mãos ao bolso e puxa por um maço de dinheiro moçambicano. O homem da cabaia, porém, mais finório, recusa: quero escudos de Lisboa.

Isto foi na África central, longe de tudo e de todos. Não é de esperar que este mercador receba boletins de câmbios, nem esteja a par de cotações, tão pouco tenha seus agentes na Europa. Não. Mas quer escudos de Lisboa! Na ocasião era ali um mar de gente. Aviões que chegam. Outros que partem. Muitos que estavam. Nas imensas salas do restaurante come-se e bebe-se de muitas maneiras. Auto-falantes dão chegadas e partidas e dizem as últimas notícias de todo o mundo. Eu, sentadinho a um canto, via e ouvia e sentia-me soberano: quero escudos portugueses!

Diante de Deus, não há o grande nem o perfeito. Tudo são suas criaturas. Só Ele é! Mas se formos a ver, sem um desgaste permanente e doloroso de alguém que saiba o que quer, não poderia jamais chegar tão longe uma tal afirmação de poder — quero escudos de Lisboa.



Crónicas de África

Estamos ainda no Savoy Hotel. Servidos e satisfeitos, deixo-me ficar à mesa por algum tempo, a contemplar através de uma porta as altas bancadas do bar. O bar é um ponto essencial em qualquer hotel dos trópicos, sempre bem fornecido e muito frequentado. Em regra, ninguém se senta à mesa sem tomar um aperitivo e ninguém se vai embora sem um ou mais digestivos. Nas prateleiras encontra-se tudo e de todas as nações, para todos os hábitos e paladares. O consumo de bebidas naquelas regiões, é espantoso!

Os bancos, por fortes e bem construídos, devem ser hoje os mesmos que eram no tempo em que ali entrei um dia, forçadamente. Eu digo: Em frente do hotel era uma barbearia de estilo e coitação. O seu dono, pelo nome que tinha, era um britânico. Hoje não; outros tempos, outros costumes, outras leis. Eu era ali um passageiro e encontrei um amigo de Goa, que também o era. Entramos na barbearia. Eu sou o primeiro a tomar a cadeira. O homem vem e ensaboa. Vai começar. Em frente é um espelho de alto a baixo. Tudo são espumas e cosméticos e metais preciosos. Na cadeira a seguir, senta-se o meu amigo. O oficial aproxima-se e pede-lhe que se retire... Eu ouvi. Compreendi. Limpo o sabão com a toalha que tinha sobre o peito e saímos ambos pela porta fora. Não eram horas de beber, sim, mas nós fizemo-las. Entramos no bar em frente. Cada um toma seu banco. Bebemos coisas enquanto falávamos do passado e do futuro. Do presente nada. É ingrato falar daquilo que nos faz doer. Nós eramos amigos.

Este é um dos muitos erros do homem dominante, a saber: apartar aonde Deus não escolhe. Raças e cores são meros acidentes. A essência está na origem e nós procedemos todos de Um Pai Comum.

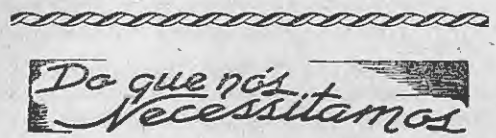
Ocupado com estes factos e transportado pela memória àquelles tempos, Júlio chama por mim e pergunta se ainda demoro. Não. Não demorei nada e dali subimos aos nossos aposentos.

Tinha passado o bulfício da chegada naquela manhã e agora, confortados e comidos, começamos a trabalhar no programa dos três dias de demora. A primeira coisa foi mandar o Júlio ao campo de aviação e tratar o taxi que nos conduziria ao Luabo; e eis de como a milhares e milhares de quilómetros das metrópoles civilizadas, nós vamos topar medidas e progressos de que nelas se não fala, nem se encontram. Por isso é preciso esclarecer que se trata de um avião quando falamos em taxi. Avião-taxi. Ao tempo eram dois os encartados; hoje não sei se são mais. Servem muitas povoações. Acodem a muitas urgências. Eles são verdadeiramente as estradas de Sofala e da Zambézia.

Já falamos da Beira em crónicas distantes, e como todas elas não saíram num livro de viagens, tenho medo de dizer aqui o que noutro lugar disse. Mas posso recordar; isso posso. Os *Encanecidos*. Os amigos destes que também são meus. A intensa população da cidade. Os automóveis de categoria. Grandiosos estabelecimentos e muito bem fornecidos. Algumas casas antigas a mostrar

o que a Beira foi. O já grande porto de mar com tendência a ser maior. Guindastes possantes a entregar e a receber. A construção de novas casas na ordem do dia. Um hotel monumental, que torna pequeno quem está ao pé. A antiga igreja do P. Rafael, ainda hoje a número um. Outras dentro da cidade e perto, na Manga, importantíssima. Está entregue aos serviços dos padres brancos. O Sr. D. Sebastião, actual Bispo da Beira, vai buscar missionários aonde quer que os haja, não importa a nação. Um missionário não é um homem de negócios. Não tem interesses ligados à terra. Não é político nem serve políticos. Por isso mesmo, não oferece os perigos de um intruso ou um a mais. Ao contrário, ele está em sua casa e são precisos todos quantos vierem. Assim tem feito o Bispo da Beira.

Sim; posso recordar. Bairros residenciais. Mar à vista. Praia a refrescar. Muitas realizações. Enormes possibilidades para mais e melhor. Beira! A nossa Beira! Ponto forçado de navios portugueses, carregados de saudades de Portugal.



Se nós tivéssemos tempo e disposição de editar um livro expressamente com esta epígrafe, não havíamos os seus leitores de admirar tanto as quantidades e qualidades como a riqueza indizível do coração do homem. Isto é que é de apreciar e meditar.

Mais do Porto 200\$ por conta do meu ordenado. Quem dá do que precisa é sempre a dobrar. Mais de Lisboa 50\$ de uma dactilógrafa que chora. Quando as lágrimas são de arrependimento, curam. Mais encomendas postais de muitas terras do Continente e do Ultramar; tantas, que se fossemos a dizê-las, tínhamos de fazer um *Gaiato* maior. Mais 10\$ de Escadas de Cima; são de Maria de Jesus. Mais 20\$ de Torres Novas. Mais quanto é deixado no Lar do Porto; e tudo quanto é entregue no Espelho da Moda e ali é que é! Mais 100\$ de Lisboa. Mais 40\$ de Nisa. Mais 50\$ de Lisboa de uma que fez a promessa pela saúde de seu marido. Mais 100\$ de Moçambique da Maria Zita, Maria Isabel e António Manuel; vê-se que são três irmãos. Mais metade de Lisboa. Mais o dobro de Lourenço Marques. Mais outro tanto do Porto. Mais metade de Tomar. Mais dos professores de Portalegre, 220\$ os quais já tinham mandado anteriormente 293\$70. Professores primários, a quem o dinheiro faz muita falta. Mais 200\$ de uma alentejana que vive em Lisboa; *recebi hoje o meu ordenado*. Que santa disposição! Que hora de Deus! Quem é capaz de tirar tanto de tão pouco? Mais de Lisboa 150\$ da Maria Amélia. Mais 20\$ da mesma terra de uma crente. Para saber se a importância foi aqui recebida, esta crente escreve uma palavra por sinal. Porém, por mais que vire e revire não sou capaz de ler. Nem letra de médico. Mais 250\$ de Santa Comba. Mais 20\$. Mais 250\$ de Lisboa. Mais 200\$ idem. Mais metade do Porto. Mais 20\$ de uma promessa feita ao Sr. P.º Cruz. Mais 100\$ da Gafanha da

PATRIMÓNIO DOS POBRES

A todos quantos estão actualmente edificando, dizemos que escolham de preferência à beira de estradas; o que de maneira nenhuma significa recusar, se noutros sítios oferecem terrenos. Não senhor.

Aquela preferência das estradas e, entre estas, as nacionais, é um zelo de tornar Deus mais conhecido. Assim, passa um automóvel de categoria, pára e vão ver. O pobre, enquanto diz de como chegou até ali e nisso mesmo que diz, fala de Deus àqueles visitantes. Eles regressam ao seu carro. Viram. Ouviram. Impressionaram-se. O carro põe-se em marcha e a ideia também. Quanto arrependimento! Que de resoluções! Aquelle Deus de quem ouviram falar, torna-se-lhes conhecido. Se conhecido, amado. Se amado, vivido. Edifiquem à beira das estradas!

Agora mesmo e não obstante o grande número delas que temos erguido, acabamos de aceitar dois magníficos talhões à beirinha de estradas nacionais, qual delas a mais calcada; e estamos construindo ali. Nós não sabemos outra maneira mais eficaz de berrar ao mundo que somos uma comunidade cristã e de marchar todos para o comunismo. Edifiquem à beira das estradas. Que digam hoje de nós o *vêde como eles se amam*; e nos tomem um por um como discípulos de Jesus de Nazaré. E' somente por isto e nada mais, que os interessados nesta campanha, devem pedir o lugar que dê nas vistas.

Muitas modalidades tem Deus suscitado nas almas, esta maneira de servir os pobres: todas recomendáveis e muito acertadas. Assim é que, estando eu há dias já recolhido, entra um sacerdote pelo meu quarto dentro. Vinha de muitas léguas e trazia muita esperança. O seu povo é de humildes pescadores. Não são do alto; pescam nos rios e na foz. Este sacerdote tem pena deles; veio pedir uma ajuda para lhes consertar as barracas; e foi-se embora servido. Um outro sacerdote, de mais perto e com a mesma esperança, traz na mão a lista dos casebres que precisam de conserto, as quantias mai-lo nome dos seus habitantes. Um trabalho muito sentido e muito meritório. O zelo dos pobres é o nosso quinhão. Além do mais, há uma nota cheia de interesse no executar destas obras: é que o sacerdote em questão, leva todos os indigentes do seu lugar a auxiliarem-se mutuamente e ele vai e suprel! Isto é simplesmente admirável. E' um trabalho inteligente. E' o perfeito desenrolar de um amor de comunidade.

Ainda um outro sacerdote vem ter aqui de muito mais longe do que qualquer dos dois, o qual ficou para o dia seguinte. Também este se retirou servido. Nós temos obrigação de ajudar todos quantos racionalmente nos ocupam, por via dos dinheiros que para este

Nazaré. Mais mil angolares de Benguela do Colégio de Nuno Alvares. Mais outro tanto de Vila da Rua. Mais 20\$ de Escarigo. Mais 1.000\$ de Ponte do Lima. Mais 50\$ de Portimão. Mais 100\$ de Lisboa de M. B.. Mais 140\$ idem. Mais 50\$ de Arraiolos. Mais do Rio de Janeiro 1 000 Cruzeiros, que renderam setecentos e quê. Mais 100\$ de Lisboa.

negócio nos são entregues. Pois bem. Este último sacerdote, que é pároco, escreve isto:

«Aqui está constituída a primeira equipe de rapazes trabalhadores para construir as próprias casas. São doze. Três pedreiros, três carpinteiros, três trolhas e três lavradores—lavradores que não têm terras nem casas, mas vivem em terras e casas à renda. Estes três rapazes lavradores farão todos os transportes e servirão de ajudantes dos outros artistas. Escolheram-se os rapazes artistas, pobres—eles não têm nada—e que sejam de famílias numerosas. Quatro deles têm mais sete irmãos! O entusiasmo é grande. Para o inverno, outono e primavera, darão três horas de serão em cada noite. Enquanto outros estragam saúde e dinheiro na taberna, estes doze rapazes construirão a sua casa. Nós prometemos-lhes os materiais. É uma promessa séria, bem o sabemos. Mas a não ser com esta promessa era muito difícil interessá-los a valer. Desta maneira estão eles radiantes e outros têm vindo pedir para organizarmos outra equipe de doze.

E' preciso construir residências sim, mas ao mesmo tempo casas para pobres e para trabalhadores; é preciso construir igrejas sim, mas ao mesmo tempo que construimos Casas de Deus, temos obrigação de construir Casas para o Próximo pois só assim construiremos para a Eternidade e só assim não separaremos o que Deus uniu».

Chegam-nos todos os dias recortes de jornais do país, aonde se lê a notícia de casas para pobres, como sendo a aflicção dominante. O entusiasmo já entrou nos Seminários; dizem que os de Braga estão a arder! Tanto como sacerdotes e seminaristas, também engenheiros e doutores e advogados. Também colégios. Também organismos da Acção Católica. Também conferências de S. Vicente de Paulo. Tudo. Todos. Quem havia de dizer?! Até do Alentejo que se assina por *Ninguém*; até dali, digo, nos mandam fotografias de várias casas reparadas e afeições ao *Património dos Pobres*. Cada uma delas tem a respectiva placa. Não são feitas de raiz, mas isso que importa, se estão hoje ao serviço de gente pobre. Eu até dou a palavra ao *Ninguém*:

«Envio juntamente 3 fotografias das 2 primeiras casas do «Património dos Pobres» por saber que isso lhe dará gosto.

A 1.ª tem 4 divisões; a segunda, 5 no rés do chão e 6 no 1.º andar, absolutamente independentes e um pequeno quintal. Uma outra se está reparando com o mesmo fim e duas em construção, esperando ainda construir mais, por forma a abrigar todos os pobres daquela terra alentejana que vivem como animais: pela promiscuidade e miséria dos seus tugúrios.

A desigualdade dos meios materiais—uns com tudo, outros sem nada—é o maior mal da humanidade, quer os ricos queiram quer não.

Ninguém

Por onde se nota que, afinal de contas, àquele *Ninguém* é *alguém*. E trata-se de uma Mulher!

Agora

PELAS CASAS DO GAIATO

Isto é a Casa do Gaiato

Vai aqui a Avenida Sidónio Pais com 1.000\$. Um nadinha atrás, segue «um pedinte que recebeu» com igual soma e à beirinha deste, um outro com 3 contos; ambos do Porto. E agora arrumem-se, que não é a quantidade mas sim a intenção. Ora leiam: *um prego para uma das casas a edificar na cidade do Porto*. Leva 50\$. A quantia é nada, mas a notícia é muito. Eis aqui o pregoeiro dela, dada em primeira mão. E venham mais pregos, que muitas casas vamos levantar na cidade do Porto! Também vai uma telha de 110\$. Outra de Cabeçudo. Do Porto mais pregos, 50\$. Deixem passar o António de Coimbra com 100\$; e já agora arrumem-se mais um nadinha, que vai com igual soma o Gaspar de Lisboa. O Porto torna com 150\$. Mais 40\$ deles. Uma terceira prestação de 100\$. Agora temos barulho; são as crianças da 4.ª classe de uma escola do Bonfim. Angra do Heroísmo apresenta-se com 100\$. O pessoal da *Chenop*, leva 325\$50. Eles querem chegar à casa inteira e não há dúvida que sim, mas porque as pedras são pequenas, leva mais tempo. Gavião vai com 100\$.

O mais bonito da procissão é agora. Isto é que são vistas! É tudo gente do Ultramar. Trazem dois tabuleiros, um com 900\$, outro com 3.520\$ e são todos da mesma terra. São do Dundo, que fica na província de Angola como toda a gente sabe. São funcionários da Companhia de Diamantes. Eles já deram uma, mas querem dar outra e andam trabalhando para isso. A lista dos amigos do *Património dos Pobres*, como eles se chamam, conta a passar de centenas de nomes!! São engenheiros. São sacerdotes. São doutores. Têm nomes vulgares. Outros são raros. Tudo de tudo.

Mais largueza, porque mais vistas; vai passar a África Equatorial Francesa. Outra vez muitos nomes. É tudo gente de Portugal, conquanto procurem de comer noutras paragens. Eles já tinham dado 4 437\$ e ora com 8 450 deles, fazem uma casa para os pobres. A lista conta 55 nomes, que são de outros tantos portugueses residentes em Bangui. Para não enviarmos um número a cada um, fazemos um remessa de 55 *Gaiatos* a uma firma daquela terra que, por sua vez, fará a distribuição. Quando vierem à Pátria, se não o deles, não faltarão sítios aonde haja muitas casas iguais; e desta sorte, serão todos participantes de uma só alegria. Amen. Deixem passar e guardem silêncio! Nós também nada dizemos para não macular.

«Os funcionários da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos comunicam que depositaram, em Lisboa, no Banco Espírito Santo, a quantia de 18.700\$00 para uma casa do Património dos Pobres.

Não precisamos dizer, que na sua quase totalidade, aquela quantia se obteve com real sacrifício dos ofertantes, alguns dos quais contribuíram pouco a pouco. Por isso, e porque somos muitos e muito dispersos, começada a colheita em Maio do ano passado — uma rajada da ventania que soprou em Fátima —, só agora ela ficou concluída.

Deus permita que a nossa venha a ser uma, dentre muitas outras oferecidas por organismos semelhantes ao nosso. E preciso

LAR DO PORTO CONFERÊNCIA DOS PEQUENOS

Aos 8 de Abril de 1953, reunimos a Conferência de S. Vicente de Paulo «S. Francisco de Assis» do Lar do Gaiato do Porto, com assistência de todos os confrades e assistente e presidente.

Demos início a esta reunião com as orações habituais, lidas pelo livro o Manual da Sociedade de S. Vicente de Paulo e com a leitura espiritual. Tendo depois o secretário lido a acta, na presença de todos os confrades a qual foi aprovada.

Por fim houve o interrogatório sobre a visita aos pobres. O presidente interrogou Fernando Dias, tendo este informado que a sua pobre veio abrir a porta e cansou-se muito ao subir as escadas. Deram-lhe a esmola, 4 injeções e despediram-se até à próxima visita.

Joaquim Correia informou que a sua pobre ficou muito contente com mais 20\$00 que lhe levou por ser ocasião da Páscoa. Tendo ela informado que já tinha ido à missa.

Fernando Miranda disse que o matido da sua pobre estava de visita, vindo do Sanatório passar a Páscoa a casa com a sua esposa.

Fernando Guedes também informou que a sua pobre estava muito triste porque o seu sobrinho disse-lhe que não tendo que fazer regressará à sua terra e ela chora dizendo que não tem quem olhe por ela. Ele diz que quer trabalhar e não arranja aonde e que na sua terra arranja para a lavoura. Nós escrevemos para o Ex.º Sr. presidente da Câmara Municipal do Porto para ver se conseguia qualquer serviço mas lá se esqueceu e não nos respondeu. Esta nossa pobre é a Cancerosa.

Norberto disse que a sua pobre estava a fazer o comer, já tinha a casa arrumada e tinham ido à missa.

Durante o mês de Março recebemos 1.000\$00 de um anónimo, sendo 500\$00 para nós e outros 500\$00 para a dos grandes. Várias ofertas 100\$00. De Luanda 100\$00 e de Lourenço Marques 50\$00.

Os subscritores têm andado com as suas contas em dia e assim em Março recebemos 356\$00. Felizmente que neste mês não andamos mal mas por outro lado as despesas continuam a aumentar. As rendas de casa é o problema de quase todos os nossos pobres.

Por fim não havendo mais nada a tratar foi a sessão encerrada pelo presidente, com as orações habituais. *Fernando Guedes*

TOJAL Nós aqui no Tojal tínhamos um campo de futebol, mas era pequeno para fazer desafios grandes. É o Sr. P.º Amé-

Amanhã será tarde

Isto é o nome de uma fita italiana que andou no Tivoli, e deu enchentes. É sobre métodos de educação. Ali não se esconde nada do que a criança deve saber. Alguns dos nossos foram ver. O Júlio, chega aqui ao escritório, senta-se numa cadeira e exclama: não tenha medo dos nossos métodos. Nós estamos na verdade.

Ora a este respeito, desejamos lembrar o livro Educação Sexual do P.º António Brandão. Todo ele é o filme Amanhã será tarde. Se tantos foram ver a fita, porque não tê-la em sua casa para ver quando for preciso? O assunto do livro foi dado por tão bravo, que o seu autor teve dificuldade em obter o Imprimatur!

Por amor dos Pais que foram ver o filme. Por amor de uma juventude forte, racional e oportunamente informada, eu peço aqui a todos que obtenham de qualquer forma o livro do P.º Brandão. Como outrora a Pedro, também hoje se pode dizer em nome de Jesus, que nada do que Deus cria é imundo!

que seja fácil chegar às mil.

Sendo a nossa sede em Lisboa, poderia a quantia que depositamos destinar-se à casa da Curraleira a que se referia um dos últimos números do Gaiato. Gostariamos que nela figurasse a inscrição CASA DA HIDRAULICA.

rico queria que fosse aumentado para se fazerem jogos internacionais.

Agora já está a terraplanagem quase pronta e vamos ter um estádio monumental. Além do campo relvado vamos ter balneário, ring de patinagem e mais o que se verá.

Na hora do re-reio já lá fazemos os desafios da Escola Nova contra a Escola Velha, ou seja 1.ª e 3.ª contra a 2.ª e 4.ª classe. Umavez vencemos nós; outras vezes os outros, que ganhar e perder tudo é desporto.

—No dia 26 do mês passado estive cá a excursão da Rua Renato Baptista.

São amigos que nos visitam todos os anos. Mais uma vez passamos com eles uma tarde muito alegre, jogamos com os rapazes de lá uma partida de futebol no nosso campo, onde empatamos por 3-3.

Trouxeram-nos, roupas usadas, mas nós que somos muitos de muito precisamos. Pedimos aos milhares de amigos que temos, que haja umas dúzias deles, que acudam ao Tojal, dando-nos roupas usadas e pano para camisas e calças que ficamos muito gratos.

Joaquim A. Gouveia Marques

PAÇO DE SOUSA Cá na nossa aldeia já há muitos grilos. É uma autêntica festa em cada dia que passa. Agora é quem mais faz caixas, para os terem encaixilhados com todas as honras.

—Meus amigos. Na nossa tipografia ultimamente tem escasseado o trabalho, por isso venho junto de Vós para lhes solicitar algum trabalho.

Quem disser que fazemos concorrência, mente. Se fizermos, não tinhamos, às vezes, pródos de falha.

Queremos mas é que todos vivam, e não nos metemos com a vida de ninguém. Esta é a verdade...

—O Sporting Clube da Tipografia teve no dia 8 do corrente um renhido desafio de Oquei com os carpinteiros em que veio a triunfar por 3 bolas a uma.

Anteriormente também tínhamos disputado outro desafio em que os carpinteiros se opuseram muito bem e venceram-nos por 5-3.

—A Casa Mãe também tem estado um pouco abaixo de forma porque o treinador Nica não tem dirigido os treinos como habitualmente.

—Ainda restam alguns volumes do nosso livro «O Barredo». Os señores previnam-se quando não ficam privados de ter um grande volume que tem dado que falar em todos os meios sociais da metrópole e até nas colónias!

—Já veio mais um rapaz para a nossa Obra que está muito contente e é adepto do Sporting.

O dito é de Arganil e diz pertencer ao jogador do Sporting, Carlos Gumes. O seu apelido é o *Meia Lua*.

—A nossa ida ao Coliseu está a despertar bastante interesse apesar de ainda faltar um bocadinho.

Já está também assente a nossa ida ao Teatro Circo de Braga, graças ao Joaquim Bonifácio que tem sido incansável para que a nossa ida seja uma realidade.

—O *Pilha Galinhas* trocou ao Melo uma bandeira do Sporting por 20 amêndoas. Depois já quando tinha comido as amêndoas queria outra vez a bandeira mas o Melo não foi na fita.

—Andamos presentemente na disputa de um renhido Campeonato de Oquei em que se tem distinguido o Sporting Club da Lenha A, filial número 2 do Sporting Club da Tipografia.

Os concorrentes são: S. C. Lenha A, Roparia, Casas A, Lenha B, Terreiros e Casas B.

Os jogos mais afervorados são entre a Lenha e as Casas, aonde se têm destacado os seguintes elementos:

Camurra, Ventura e Banana, nos da Lenha e Manuel Barros, Marreco e Macaquito nos das Casas.

—Um senhor do Porto atendeu ao apelo feito aqui ultimamente, em que se pedia uma caneta para o autor destas mal alinhadas linhas.

A esse amigo, que se assinava por E. D., vão os meus sinceros agradecimentos.

—Os rapazes dos terreiros têm se ocupado nas últimas semanas na limpeza das nossas avenidas, pois o verão está à porta e todos os dias é um nunca acabar de forasteiros que de todas as partes nos vêm ver e nós não queremos de maneira nenhuma que fiquem mal impressionados.

—Quero também agradecer aos nossos amigos que nos mandaram amêndoas ou dinheiro para elas e especialmente ao Senhor de Castelo Branco que me mandou a caneta com a qual já estou a escrever que é muito boa e eu gosto muito dela e à Senhora Lia me mandou 20\$00 agora e já me tem mandado mais coisas.

—A Páscoa dos Pobres da nossa conferência também foi melhorada. Levamos-lhe um pacotinho de amêndoas e um folar de pão com ovos. Ficaram todos contentes. O pior é que a conferência não tinha dinheiro para comprar, se não fosse a nossa casa dar essas coisas. Ora, os señores leitores para a outra vez não se esqueçam dos nossos irmãos Pobres pela altura das grandes festas cristãs.

DANIEL BORGES DA SILVA

*** O Sérgio chegou aqui ao pé de mim a botar lume pelos olhos, de zangado, porque lhe foram ao repolhal cortar repolhos; só no mês de Junho é que eles estão prontos e feitos, exclama o encarregado da quinta. Eu escutei e dei-lhe razão, pois se ele tem tanto trabalho e faz tanto gosto nos repolhos e nos mimos! O rapaz botava as culpas à senhora da cozinha, mas afinal não foi ela. Foi o *Pombinha*. Ele é o meu refeiteiro. Na cozinha, cuida dizer que era pena não haver ainda repolhos para me fazer um caldinho em vez das couves de folha de cada dia. *Pombinha* ouve a conversa e sem pedir licença nem dizer nada a ninguém, vai à horta do Sérgio, arranca e traz. Quando a senhora deu fé, já não havia nada a fazer... Era caso arrumado. Isto é agora. Daqui a algum tempo, *Pombinha* já o não faz.

*** Nós somos muito amigos. Tenho nele um grande confidente. É por ele que eu sei de muitos ninhos e se no choco, se já com passarinhos, se nas silvas, se nos valados, se tudo. Isto me diz ele, enquanto me serve. Eu oiço e dou-lhe sempre um bocadinho da minha sobremesa, enquanto peço que não diga a ninguém, porque sem passarinhos a nossa aldeia havia de ser muito triste. Também foi por ele que eu soube da transferência do *Cocas*, que era refeiteiro e agora é das casas, *por andar sempre com o nariz por assoar*.

Ora eu cá não acho bem. Em lugar de o transferir, teria sido mais acertado obrigar o *Cocas* a limpar o nariz. Assim é que está certo.

*** Ontem ouve aqui uma grande bulha entre o Abel e o *Arouca* por via dos cães. Não é doutros; é dos três pequeninos, de raça e muito bonitos, que se encontram presos na casa da lavoura, porque, se cá em cima e soltos, há o perigo dos pintaínhos. Ora o Abel é chefe. *Arouca*, que é perdido pelos cães, vem à cozinha e quer levar comida boa. Abel aparece e diz-lhe que leve das sobras. Ambos são grandes. Cada um tem a sua opinião. Os dois querem ganhar. É foi tal o barulho, que o maioral teve de acudir. O *Arouca* quer-se demitir da guarda dos cães e estamos em riscos de ficar sem pintaínhos.

*** É muito difícil viver se numa casa sem ordem e eu não tenho outro remédio se não fazer como o *Arouca* e demitir-me de tudo. Por vezes tenho tais dores de cabeça que me não posso levantar. Ao primeiro que aparece no meu quarto, eu digo que vá mandar embora o ajudante de missa e mando fechar a porta. Mal começo a descansar, aí vem *Pombinha* perguntar se eu quero o café. Torno a tentar e vem outro dizer-me que está lá fora uma mulher com uma carta na mão. Depois são outros com outros recados e eu não tenho outro remédio senão vestir-me, lavar a cara e curtir as dores noutras sítios. É assim a minha vida!

UM LIVRO EXTRAORDINÁRIO QUE DEVEM ADQUIRIR

«O BARREDO»

Pedidos à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
Paço de Sousa

N. B.—Para esclarecimento do público informamos que esta edição não se vende nas livrarias do país. É um exclusivo da nossa Obra.